

ESCOLHAS LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM TIRINHAS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

José Teixeira Neto (UFS)
txrneto@gmail.com

... reconhecer e utilizar o recurso da quadrinização como ferramenta pedagógica parece impor-se como necessidade, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, associam-se para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos. (MENDONÇA, 2002, p. 207)

1. Introdução

Comumente, vemos e ouvimos professores de língua portuguesa dizerem que seus alunos não gostam de ler, muito menos de escrever. Porém, não se parou para pensar no seguinte questionamento: não gostam de ler o quê? Não gostam de escrever o quê, e para quem? Neste artigo, pretendemos abrir uma discussão acerca do ensino de língua materna no tocante à análise linguística de algumas tirinhas que circulam não só em jornais, como em livros didáticos de português, com o objetivo de tornar o ensino dessa disciplina mais eficiente e produtivo. Para isso, procuraremos explicar as escolhas linguísticas de que se valem os autores de algumas tiras para darem significação ao texto e produzirem humor.

Sabemos que as tiras gozam de grande prestígio na mídia impressa e que, por isso, são acessíveis à massa popular. Até os livros didáticos de português já as incluem em suas páginas, porém, com o fito de explorar alguns aspectos gramaticais do ponto de vista formal da língua.

Facilmente, vemos leitores, ao estarem de posse de um jornal, recorrerem à seção onde se localizam as tiras, à procura de descontração. Levando isso em consideração, pode-se pensar em desenvolver um trabalho com as tirinhas em sala de aula, não para fazer estudos metalinguísticos, mas para promover reflexões acerca dos recursos linguísticos que produzem humor e, assim, tornar os alunos capazes de perceberem a significação da mensagem através dos recursos linguísticos que se utilizam na língua(gem).

Neste artigo, serão analisados alguns aspectos linguísticos que causam o humor nas tiras que são veiculadas em jornais e nos livros di-

dáticos de português. Essa análise procurará responder os seguintes questionamentos: quais recursos linguísticos produzem humor nas tiras em análise? Podem-se considerar as tiras como gêneros discursivos? A resposta à primeira questão se dará a partir da análise de determinados recursos linguísticos utilizados pelo autor de cada tirinha selecionada para este trabalho. Já para a segunda indagação, nos pautaremos nos conceitos de Bakhtin, que discute o assunto com muita propriedade.

2. *Tirinhas: um pouco de história*

A utilização de desenhos, ligados ou não à linguagem verbal, para estabelecer comunicação entre os povos, é muito antiga. Segundo Eisner (1989), as HQs tiveram início nas pinturas rupestres, o que evidencia que essa arte atravessou milênios, utilizadas por muitas civilizações. Ianonne e Ianonne (*apud* MENDONÇA, 2003, p. 194) “admitem que, embora se possam encontrar rudimentos das HQs na arte pré-histórica, os precursores desse gênero, tal como o conhecemos hoje, surgiram apenas na Europa, em meados do século XIX, com as histórias de Busch e Topffer”.

Em 1964, “Joaquim Salvador Lavado (Quino) publica pela primeira vez uma tira, a sua grandiosa obra-prima: Mafalda” (Ravagnani). De lá para cá, esse gênero ganhou um público variadíssimo. Leem tirinhas jovens, adultos e crianças, atraídos pela forma como é apresentado o tema, e encantados pelas imagens. Além disso, as tiras apresentam uma linguagem que aguça a mente do leitor, já que, muitas vezes, o sentido do texto depende das escolhas linguísticas feitas pelo autor, o que leva o leitor a um ato de percepção e de esforço intelectual. Segundo Eisner (1978, p. 8), a leitura é uma forma de atividade e de percepção. Nesse sentido, o leitor de tiras precisa estar atento às nuances da linguagem, por trás das quais está a mensagem que as tiras pretendem que o leitor perceba.

Atualmente, as tiras constituem um importante veículo de leitura presente nos mais diversos jornais e livros didáticos de que se tem conhecimento. Elas atraem a atenção dos leitores por seu caráter humorístico e também pelo modo como se organiza o texto que as compõe. Além disso, apresenta ilustrações e imagens que contribuem para a significação da mensagem e personagens estereotipados por suas características e comportamentos típicos.

Nas tiras, consegue-se identificar a personagem tanto pelo seu discurso, quanto pelos seus hábitos, como é o caso de Manolito, Susanita, Cebolinha, entre outros que fazem parte do gênero em questão, os quais,

a cada nova tira, despertam a curiosidade do leitor, que já os conhece e fica na expectativa do que vem em cada quadrinho, uma vez que a surpresa se dá sempre pelo não esperado, e no último quadro. Ademais, nas tiras, as personagens possuem um comportamento que infringe os padrões sociais considerados lógicos, gerando, assim, certa incongruência, tendo em vista que esperamos dessas personagens uma atitude, e elas se comportam de modo contrário, o que causa o humor. É também nessa incongruência que se percebe a crítica e, em alguns casos, a denúncia que o autor das tiras pretende que o leitor as perceba.

3. *Tirinhas: um gênero quadro a quadro*

Gêneros textuais são enunciados específicos de cada situação comunicativa, tanto oral, como escrita. No caso das tirinhas, por apresentarem uma estrutura composicional relativamente fixa (geralmente, quatro quadrinhos, podendo ser composta de três ou cinco), abordarem um tema, possuem um estilo, que identifica cada autor, e estarem presentes em um suporte de leitura, os jornais, por exemplo, constituem-se em um gênero discursivo. Quanto à temática, segundo Mendonça (2003, p. 196), as tiras satirizam aspectos econômicos e políticos do país e aparecem em dois subtipos: as tiras-piadas, em que o humor é obtido através de estratégias discursivas, e as tiras-episódio, cujo humor é baseado no desenvolvimento da temática, de modo a realçar as características das personagens.

Segundo Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros discursivos são tipos de enunciados relativamente estáveis, o que justifica a instabilidade quanto ao número de quadros de que algumas tiras são compostas. Nesse contexto, as tirinhas se caracterizam como um gênero textual com uma extensão menor que as histórias em quadrinhos, que não possuem um número específico de quadros através dos quais é contada determinada história, ao contrário das tiras, em que a mensagem deve ser concluída em no máximo cinco quadros. No primeiro, apresenta-se a situação inicial; no segundo e terceiro, o conflito e o encaminhamento para o desfecho, que se encerra com uma surpresa, o não esperado, no último quadro.

Essa forma, como se nos apresentam todas as tiras é que nos faz identificá-las como um dos gêneros discursivos que circulam no nosso cotidiano. Ninguém, ao se deparar com tirinhas, as confunde com outro gênero, até mesmo com as histórias em quadrinho, com que possuem acentuadas semelhanças.

Segundo Marcuschi (2003, p. 21), “haverá casos em que será o próprio suporte ou ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente”. Isso acontece com as tiras, cujo suporte mais comum são os jornais, que dispõem um espaço garantido para a inserção desse gênero em suas páginas. Além do mais, seria incoerente uma tirinha aparecer numa revista de divulgação científica, uma vez que nessa revista só há espaço para a exposição e discussão de temas ligados a pesquisas de caráter científico.

4. As tirinhas e o ensino da língua materna

A imensurável quantidade de gêneros do discurso presente na sociedade representa quão diversificado e complexo é o processo comunicativo. Cada gênero discursivo possui marcas linguísticas que lhe são peculiares, isto é, conteúdos gramaticais que estão a serviço do gênero. Segundo Mendonça (2010, p. 77) “as escolhas linguístico-discursivas presentes em um dado gênero não são aleatórias, mas ali estão para permitir que um gênero funcione socialmente”. Nesse sentido, é papel do professor de língua materna conhecer cada um desses recursos e levar a conhecimento do aluno para que ele compreenda a funcionalidade do gênero e, assim, entenda o processo comunicativo.

No caso das tirinhas, estas podem ser uma ferramenta de trabalho bastante significativa para o aprendizado da língua portuguesa, basta que o professor não se detenha ao estudo apenas da metalinguagem, mas à função social do gênero e à reflexão sobre os recursos linguísticos a serviço desse gênero. Para isso, faz-se necessário mostrar as características das tirinhas e analisá-las em seus aspectos linguístico-discursivos. Ainda de acordo com Mendonça (2006, p. 84), “cada recurso gramatical, cada estratégia de texto pode ter uma finalidade diferenciada, dependendo do gênero”. Assim, é buscando compreender como se constitui essa realidade linguística no texto que se entende o papel comunicacional que o gênero desempenha na sociedade.

Além disso, as tiras são um rico material para o ensino da língua materna, já que possuem acentuado poder de fazer rir, tendo em vista que os vários recursos que constroem o humor, os quais vão dos linguísticos, objeto de análise deste artigo, até os temáticos. Entender o papel de determinado conteúdo gramatical no texto contribui para que o estudante de língua portuguesa melhore seu desempenho como usuário dessa língua. Isso porque o texto das tiras, para que surta o efeito esperado, o riso, exi-

ge reflexão acerca dos recursos linguísticos empregados para que se possa entender a mensagem de cada uma delas.

Não pretendemos, com este trabalho, apresentar “receitas” de como ensinar português, mas analisar alguns recursos linguísticos utilizados pelos autores, nesse caso, de tirinhas, para produzir sentido, associando língua e imagem. É claro que essa análise não dá conta dos inúmeros efeitos de sentido que a língua portuguesa proporciona, mas busca alertar os envolvidos no processo de ensino dessa língua que não vale a pena ocupar o tempo da aula de língua materna com estudos metalinguísticos. É mais produtivo fazer o estudante de português entrar em contato com situações concretas de uso dessa língua.

5. *Tirinhas em análise*

As tirinhas constituem-se em um gênero textual, cuja linguagem é composta de mecanismos linguísticos que exigem do leitor habilidades quanto ao domínio dos recursos que a linguagem oferece para que se produza sentido. Só será capaz de perceber o humor produzido pelas tirinhas o leitor atento aos efeitos de sentido causados pela utilização de determinado fenômeno linguístico.

Na tira abaixo, por exemplo, o humor se dá no nível fonológico: Cebolinha convida Mônica para brincar de carrinho, mas como ele tem problema de trocar o fonema “r” por “l”, fato característico da personagem, Mônica confunde a mensagem por causa da troca dos fonemas na fala de Cebolinha, pensa que ele está querendo brincar de fazer carinho um no outro e corre para abraçá-lo e acariciá-lo, o que gera o humor e o riso, já que o convite foi outro e, normalmente, as meninas não brincam de carro, por ser uma brincadeira considerada de meninos.

Tirinha 1



Fenômeno semelhante ocorre na tira 2, em que o humor é causado pelo fato de a personagem do último quadro ter confundido o termo “re-grada”, falado pela personagem de vermelho (primeiro quadrinho), com “regada”, que sofreu a supressão do fonema “r”, entendido pelo personagem do último quadro, o que fê-lo direcionar a mangueira e molhar as duas personagens (segundo quadrinho).

Tirinha 2



Na tirinha 3, o humor é já é causado pelo efeito de sentido ocasionado pelo emprego de um dos recursos estilísticos denominado hipérbole, que, segundo Cereja (2009, P.410), “é a figura de linguagem que consiste em expressar uma ideia com exagero”. Nessa tira, Susanita, personagem aparentemente irônica, pergunta, no primeiro quadro, a Mafalda e a Miguelito se eles sabem que quando ela crescer vai ter filhos. Os dois, em alto e bom som, o que se percebe por meio dos recursos gráficos utilizados para reproduzir a fala deles, respondem: “Já disse mil vezes”. E Susanita, ironicamente, sem nenhuma demonstração de irritação por causa da resposta que obteve, simplesmente diz que adora falar com gente bem informada, comportamento jamais esperado de alguém que ouvisse uma resposta como a de Mafalda e Miguelito. O humor aqui se percebe não pela resposta em si, “Já disse mil vezes”, mas por Susanita ter “entendido” que já havia dado a informação aos dois aquela quantidade de vezes e, conseqüentemente, eles estariam bem informados. Vejamos:

Tirinha 3



Na tira 4, o humor é causado pela ambiguidade gerada em nível sintático. Isso ocorre quando a personagem feminina diz que vai “acertar um” no homem com quem discute. A expressão “com óculos” é compreendida pela mulher como o instrumento com o qual ela lhe bateria. Na realidade, o homem questiona a ameaça por se considerar indefeso, já que usa óculos, logo, isento de qualquer agressão. Porém, a mulher elimina tal isenção quando diz que usaria os próprios punhos para agredi-lo.

Assim, a expressão “com meus próprios punhos”, na fala da personagem feminina (último quadrinho) é que se torna o instrumento da agressão, fato que provoca o riso, já que o leitor se surpreende com a resposta da mulher, que se mantém irredutível no seu propósito. Além disso, ainda é motivo de riso o homem apanhar da mulher em nossa sociedade.

Tirinha 4



6. Considerações finais

A análise das tirinhas neste trabalho contribui para que se perceba a riqueza linguística de que é composto esse gênero textual. Mostra também que para se perceber o humor que as tiras produzem, é necessário que, além dos conhecimentos de mundo, tenhamos habilidades linguísticas para compreender o sentido do texto a partir dos recursos que a linguagem oferece. Nesse sentido, não basta um ensino de língua que privilegie somente o estudo de categorias gramaticais e/ou de sintaxe em frases isoladas, mas sim, um ensino que trate tais questões gramaticais a serviço da construção do gênero, isto é, fazer o aluno identificar o papel que cada uma delas desempenha no texto, bem como reconhecer o efeito de sentido que produzem no momento da leitura.

Insistir em uma prática pedagógica que só privilegie a metalinguagem é negar os aspectos discursivos da língua e condená-la à condi-

ção de um igapó¹⁰¹, isto é, considerar a língua como um fenômeno estático e imutável, isolada do contexto sócio comunicativo. Portanto, o ambiente escolar deve proporcionar ao aluno o conhecimento dos recursos que a linguagem oferece para produzir sentido, a fim de que ele possa se desenvolver como um cidadão letrado. Uma proposta pedagógica que assim se construir formará indivíduos capazes de, através do instrumento de comunicação de que dispõe, a língua, agirem e reagirem de acordo com a leitura com que venha a se deparar.

O importante é, sobretudo, que o estudo da análise aqui proposta pode contribuir para a formação de leitores e produtores de texto capazes de perceber a infinidade de sentidos que os recursos linguísticos oferecem na construção de um texto. Observamos ainda, com a análise das tirinhas selecionadas para este estudo, que o professor de língua materna deve estar ciente de que o estudo de determinada categoria gramatical deve fazer sentido para o aluno, e não constituir-se num exercício de classificação e/ou localização de termos sintáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estática da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 2009.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MENDOÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTI, Marianne C.B. (Orgs.). *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

¹⁰¹ Termo utilizado por Marcos Bagno no livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*.

RAVAGNANI, Sabrina Valler. Um pouco dos personagens de Mafalda.
In: _____. *A relação dos quadrinhos de Mafalda e Charlie Brown com a realidade social.*